700856

Biblioteca - Unemat - PLA

00014007

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14007
Data 19 / 08 / 2009
( ) Compra (✓) Doação ( ) Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Lucineide Fernandes de Jesus

O sujeito do desejo dividido em A carne, de Júlio Ribeiro: apenas concupiscência natural ou indicação de uma nova constituição feminina?

Pontes e Lacerda, MT
2008

82.09
J58s
ex.01

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Lucineide Fernandes de Jesus

O sujeito do desejo dividido em A carne, de Júlio Ribeiro: apenas concupiscência natural ou indicação de uma nova constituição feminina?

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Walmira Sodré Austríaco de Moraes

Pontes e Lacerda, MT

2008

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Prof[a]. Walmira Sodré Austríaco de Moraes

Orientadora

Prof[a]. Dr[a]. Rosely A. Romanelli

Convidada

Prof. Epaminondas M. Magalhães

Convidado

Pontes e Lacerda – MT

2008

A meus pais, Lorinaldo e Rosineide, que tanto me incentivaram com palavras de carinho e gestos de compreensão, concedendo a mim a oportunidade de cursar uma faculdade.

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de freqüentar um curso superior e adquirir novos conhecimentos. Agradeço também por ter me abençoado nos momentos mais difíceis.

A meus pais, mais uma vez, por terem aceitado a se privar de minha companhia por alguns momentos.

A minha irmã, Ivoneide, pelas palavras de incentivo e gestos de ternura.

As minhas amigas, Fernanda, Flávia e Eliana, pelo companheirismo, amizade, paciência, enfim, por nunca deixarem eu desistir nos momentos de angústias.

A professora Walmira por ter aceito me orientar, dividindo comigo seus conhecimentos sempre com simpatia e dedicação.

A literatura é como o sorriso da sociedade. Quando ela é feliz, a sociedade, o espírito se lhe compraz nas artes e, na arte literária, com ficção e com poesias, as mais graciosas expressões da imaginação. Se há apreensão ou sofrimento, o espírito se concentra, grave, preocupado, e então, histórias, ensaios morais e científicos, sociológicos e políticos, são-lhe a preferência imposta pela utilidade imediata. (Afrânio Peixoto)

RESUMO

Este ensaio monográfico tem como objetivo fazer um estudo acerca da constituição do perfil feminino em "A Carne" (1888), de Júlio Ribeiro, bem como aludir às interdições que a mulher sofreu no século XIX e o seu deslocamento na trajetória da ficção brasileira até então produzida. Além do mais, enfocaremos se a personagem feminina na obra instaura um novo lugar para a mulher perante a sociedade.

Palavras-chave: Mulher / história / interdições, volúpia, sexualidade feminina.

SUMÁRIO

Dedicatória....4
Agradecimentos....5
Epígrafe....6
Resumo....7
Introdução....9
1- A MULHER E A HISTÓRIA: INTERDIÇÕES NO SÉCULO XIX....11
2- LENITA: REPRODUÇÃO DO ARQUÉTIPO FEMININO DO ROMANTISMO OU PROTÓTIPO DE UMA NOVA MULHER?....22
2.1- A MULHER EM A CARNE: DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA IDENTITÁRIA E EMANCIPATÓRIA OU DESPERTAR DE NATUREZA FÍSICA CONCUPSCENTE?....28
3- O LUGAR DEFINITIVO DA MULHER EM A CARNE, DE JÚLIO RIBEIRO 35
Considerações finais....41
Referências bibliográficas....43
Anexos....45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em fazer um estudo acerca da constituição do perfil feminino em "A carne" (1888), de Júlio Ribeiro, bem como aludir o deslocamento da trajetória da mulher na história do contexto social e na ficção brasileira até então produzida.

Assim, para compreendermos de maneira significante o perfil feminino encenado na obra de Ribeiro "A carne", foi necessário que este trabalho se dividisse em três capítulos. Para tanto, tomaremos como suporte teórico uma dissertação de mestrado de Helena de Castro (2000), um texto teórico de Bosi (1994), Veríssimo (1995), Speller (2005), Badinter (1986) e a coleção de Foucault (1984, 1985 e 1988), sobre a "História da Sexualidade".

O primeiro capítulo, intitulado **A mulher e a história: interdições no século XIX**, terá como foco principal fazer um estudo histórico acerca das interdições que a mulher sofreu no século XIX, haja vista que ela era denominada pela sociedade como um ser inferior ao homem e recebia uma educação supérflua, voltada para sua formação moral a fim de que encontrasse um bom pretendente. A partir daí, a mulher foi impedida de exercer seus direitos e deveres perante a sociedade, isto é, na esfera política e social.

Ademais, baseadas no fato de que a literatura contribui para o esclarecimento sobre a sociedade e o ser humano, principalmente a mulher, sendo o meio mais propício de análise do mesmo, damos seqüência ao nosso trabalho com o segundo capítulo, **Lenita: reprodução do arquétipo feminino do Romantismo ou protótipo de uma nova mulher?** Visamos compreender que, independentemente do estilo, contexto histórico ou literário, a mulher, muitas vezes, é retratada da mesma maneira.

Não obstante, buscaremos ressaltar que a personagem Lenita tinha uma predisposição para transitar no mundo dos livros, da arte, enfim, da cultura. Além disso, ela havia recebido uma educação acima do vulgar, ou seja, educação acima do que era permitido para as mulheres na época.

Outro aspecto importante a ser ressaltado na segunda parte, **A mulher em A Carne: despertar da consciência emancipatória ou despertar de natureza física concupscente?** haja vista que a personagem apresenta um temperamento que pode desequilibrar profundamente o organismo e o caráter. Além do mais, ela vive intensamente a volúpia da própria carne, ato terminantemente proibido pela sociedade da época, não se importando com as convenções sociais.

Nesse sentido, no terceiro e último capítulo, **O lugar definitivo da mulher em A Carne, de Júlio Ribeiro**, apresentamos o estereótipo feminino, o qual se dá de maneira culta, inteligente, formosa e livre para viver intensamente a concupscência sexual.

1- A MULHER E A HISTÓRIA: INTERDIÇÕES NO SÉCULO XIX

O mundo dos homens e o mundo das mulheres são como o sol e a lua: talvez se vejam todos os dias, mas não se encontram. M. Mammeri

A mulher, durante alguns séculos, foi vista pela sociedade como um ser inferior ao homem. Sendo assim, ela servia como objeto para instaurar a paz entre os homens, não possuindo status de sujeito ativo na sociedade.

No decorrer do século XIX, a mulher quer da nobreza, da burguesia ou das classes mais pobres, sofreu repreensões que a impediam de exercer seus direitos e deveres perante a sociedade.

A mulher era considerada um ser inferior (inferioridade física e intelectual), frágil, incapaz de se responsabilizar por suas ações. Essa inferioridade concebida à mulher veio justificar a sua exclusão dos assuntos públicos, quer fossem eles civis ou religiosos.

Na sociedade antiga e até mesmo no decorrer do século XIX a mulher era mantida como prisioneira do sexo masculino, pois não tinha o direito de ser ouvida, ler e escrever. Por conseguinte, o papel da mulher na sociedade se limitava apenas a procriar e a cuidar dos assuntos domésticos.

Naquela época, educação para a mulher era considerada um assunto supérfluo. Os pais acreditavam que uma educação séria para suas filhas consistiria em bons modos, música, arte e um pouco de francês. A mulher deveria receber uma educação voltada à vida familiar, isto é, não receberia instrução que a levasse à autonomia crítica, mas a sua formação moral.

As mulheres eram ensinadas a serem jovens senhoras católicas na mesma linha de educação de suas avós; não havia lições orais, elas aprendiam através dos livros e suas tarefas eram corrigidas por uma freira professora de acordo com as respostas contidas na parte final de um livro semelhante ao delas, não existiam demonstrações, análises ou resolução de problemas, pois os bons modos faziam uma dama, não o dinheiro, o ensino ou a beleza. Nesse sentido, as jovens tinham aulas de comportamento, assim praticavam como abrir e fechar uma porta, entrar e sair de um cômodo, trazer uma carta ou mensagem, uma bandeja ou um

presente, a pedir permissão às mães de suas amigas para que elas pudessem participar de uma festa, enfim, a receber visitas na ausência de seus pais.

Receber uma educação semelhante a dos homens não ajudaria a mulher a encontrar o marido. Além disso, não existiam boas escolas para meninas, uma vez que os professores não tinham uma boa formação e não eram bem educados. Por sua vez, nenhum exame público para escolas permitia candidatas do sexo feminino.

A mulher além de não ter o direito de estudar (formação de qualidade), votar, não podia exercer nenhuma função no mercado de trabalho, ficando totalmente à mercê da autonomia masculina. Com todas as limitações intelectuais e sociais, a mulher via no casamento a única alternativa para uma suposta liberdade, pois quando casavam saiam do jugo de seus pais para entrarem no jugo de seus maridos, que faziam com elas o que bem entendiam.

Qualquer oportunidade de casamento que surgisse era melhor que nenhum. Geralmente, as mulheres se casavam muito cedo entre doze e treze anos. Todavia, aos quinze os homens afirmavam que elas haviam perdido o viço da juventude. De tal maneira, aos dezoito anos já eram umas matronas, gordas e desdentadas e quase nunca saiam de casa à não ser para ir à igreja.

Ao contrário do que pregava a sociedade da época, a jovem Lenita, em *A Carne* (1888), aos quatorze anos, havia recebido de seu pai uma educação acima da vulgar.

> Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleto na literatura do tempo. (...) Lenita teve então ótimos professores de línguas e de ciências; estudou italiano, o alemão, o inglês, o latim, o grego; fez cursos muito completos de matemáticas, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. (RIBEIRO, 1888: 13-14)

Entretanto, Lenita aos vinte e dois anos permanecia solteira recusando os inúmeros pedidos de casamento que eram feitos a seu pai.

> Os pedidos de casamento sucediam-se: Lopes Matoso consultava a filha.

> _ É i-los despedindo, meu pai, respondia ela. Escusa que me consulte. Já sabe, eu não quero me casar.
> _ Mas, filha, olha que mais cedo ou mais tarde é preciso que o faças.
> _ Algum dia talvez, por enquanto não. (RIBEIRO, 1888: 14)

A jovem distinguia-se perante a sociedade com sua imensa superioridade levando Lopes Matoso a acreditar que errou em sua formação, pois nenhum pretendente era digno em tê-la como esposa.

> _ Sabes que mais? estou quase convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimentos acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O homem fez-se para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica. Não achas, de certo, homem algum digno de ti? (IDEM: 14)

Todavia, Lenita afirmava a seu pai que não havia se casado ainda pelo fato de não sentir a necessidade de unir-se a ninguém em matrimônio.

Permanecer solteira, naquela época, era considerado uma desgraça, não apenas à mulher como também à família, e aos trinta anos uma mulher que não fosse casada era denominada de "velha solteirona". Essa mulher poderia viver na casa de algum parente como hóspede permanente e indesejado. Não obstante, poderia trabalhar como governanta, única ocupação paga aberta a essas senhoras, em condições desprezadas e com salários miseráveis, uma vez que nenhuma das profissões eram abertas às mulheres na esfera política e social.

Por volta de 1857, foi aprovada a lei do divórcio que definiu diferentes parâmetros morais para homens e mulheres. O adultério, no casamento, é visto como a prova mais clara de que a sociedade tem uma moral que nem todos sabem ou querem cumprir, por sua vez impõe aos cidadãos essa moral cujas exigências são desiguais para homens e mulheres.

> ...o adultério era juridicamente condenado e moralmente reprovado a título da injustiça que era feita por um homem àquela cuja mulher ele desencaminhava. O que constituía, portanto, numa relação sexual fora do casamento, era o fato de a mulher ser casada e apenas este fato; por parte do homem, o eventual estado de casado não devia intervir; ou seja, o engano e o dano constituíam problema entre os dois – o que se apoderava da mulher e o que tinha sobre ela o direitos legítimos. (FOUCAULT, 1984:171)

Sem os mesmos direitos, a mulher tem muito mais deveres a cumprir. Entre esses deveres, ressaltamos a fidelidade que aparenta ser imposta às mulheres, pois o marido tem o poder de exigir de sua companheira uma perfeição de conduta que não impõe a si próprio. Em outros termos, o marido é livre, todavia a mulher não é, ou seja, ela pertence ao marido e à família. Segundo Foucault (1984:172), *o adultério causa dano ao próprio sujeito e aos outros homens enquanto seres humanos.*

De acordo com a lei do divórcio, o homem poderia obter a dissolução de seu casamento se comprovasse um ato de infidelidade de sua esposa, porém a mulher não poderia desfazer seu casamento a não ser que pudesse comprovar que seu marido fosse culpado não apenas de infidelidade, mas também de requinte de crueldade.

É impressionante ver como a lei protegia o adultério dos homens e punia severamente o adultério das mulheres, justificando assim a violência masculina, quer física ou psicológica. Nesse sentido, as mulheres encontravam-se intimidadas pela fragilidade de sua condição social. Subjugadas, principalmente, pela sua dependência econômica, elas eram fiéis a uma relação para manter uma aparência de matrimônio.

As interdições das mulheres diante da sociedade eram acontecimentos tão latentes, que elas foram proibidas até mesmo de desempenhar funções dentro da própria Igreja. Haja vista que as mulheres eram educadas, principalmente no seio religioso e familiar.

> A exclusão das mulheres do ensino eclesiástico, como do ensino público, e conseqüentemente de quaisquer funções de destaque social, fossem elas eclesiásticas ou civis, constitui-se, deste modo, como um problema de justiça porque limitando o campo de escolha e de ação, limita simultaneamente as possibilidades de participação e, portanto de realização pessoal e social das mulheres, negando-lhes um direito fundamental - o da liberdade -, não lhes reconhecendo, assim, a dignidade de pessoas responsáveis. (CASTRO, 2000:23)

Em *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro a personagem feminina é apresentada, usufruindo dos direitos que até então eram permitidos somente aos homens. Isto é, Lenita, além de sua formação moral, recebeu de seu pai desde muito cedo uma educação que a levou à autonomia crítica. Esse vasto conhecimento não possibilitou o mérito de ser reconhecida como pessoa responsável, preparada para exercer seus direitos e deveres.

Assim, além da sociedade (direitos civis) discriminar a mulher, negando-lhes o direito de liberdade, a instituição religiosa ao excluir a mulher do ensino eclesiástico, promove um espaço de desigualdade e, conseqüentemente, o de destruição das condições básicas que garantem a própria dignidade da mulher. Nesse sentido, a igreja acaba sendo vista como uma instituição que não promove a justiça nas condições concretas das mulheres, mas como uma instituição que está correlacionada com outras instituições sociais, promovendo a injustiça no que diz respeito aos direitos das mulheres.

A igreja, ao retirar da mulher a possibilidade de ensinar e, conseqüentemente, o direito de aprender, alimenta o espaço de exclusão social e intelectual. De tal maneira, o espaço da mulher era entendido não:

> ... como um espaço público da realização cultural, onde necessariamente se tem de ter uma visibilidade e a uma voz própria. O espaço da mulher é o da reprodução biológica, o de um corpo que ao esconder o mistério da vida, é ele próprio colocado numa posição de invisibilidade e de silêncio, como se aquilo de que apropriar também os olhos não querem ou não podem ver. (CASTRO, 2000:19)

A mulher passou a ocupar dentro da instituição eclesial um papel secundário, ou seja, o mesmo que ocupava na sociedade marcada pela imagem da incapacidade civil para decidir e responsabilizar-se pela sua própria existência. Assim sendo, ela é considerada a partir de suas relações com a família.

Então, para a mulher ganhar status de sujeito ativo na sociedade, é necessário que haja mudanças no seio da família no que diz respeito à educação, principalmente, das mulheres.

> A família é, assim, o espaço privilegiado para a construção e desenvolvimento de todas as atitudes fundamentais da

> vida, sobretudo no que diz respeito às razões de ser e de viver, à descoberta e tomada de consciência da própria dignidade pessoal. (CASTRO, 2000: 46)

O núcleo familiar por ser a primeira instituição social responsável pela educação, deveria se incumbir de mudar a educação feminina, dando à mulher condições de fazer suas próprias escolhas. Todavia, a mulher deveria ser educada *(...) no seio da família para inocência, o pudor, a modéstia, o recato, o trabalho e o hábito de praticar boas ações.* (CASTRO, 2000: 47)

Castro (2000: 47) afirma que *(...) a educação da mulher na família há de ter uma dimensão regeneradora, primeiro da mulher, depois, da sociedade. Isto é, a mesma exigência de moralidade que se faz à mulher deve ser estendida a toda a sociedade, sem exceção.* Por conseguinte, a mulher tem o direito, enquanto ser humano, de ter liberdade, a dignidade de seres responsáveis.

A educação superior de Lenita contribuiu para o não reconhecimento de seus afetos e suas tendências naturais, ou seja, a recusa nos pedidos de casamento estava relacionada a sua formação intelectual que a tornava uma pessoa superior.

> Lopes Matoso ia despedindo os pretendentes com grandes afetações de mágoa – que a menina não queria casar, que era uma original, que ele bem a aconselhava, mas que era trabalho baldado, mil coisas enfim que suavizassem a repulsa. (RIBEIRO, 1888:15)

A educação feminina deverá fornecer subsídios para a mulher se valorizar no seu papel de mulher, ou seja, ela deverá manter sua dignidade através da compreensão racional dos seus afetos e das suas tendências naturais (o natural para a mulher fundamentar-se-ia na constituição de um novo lar com marido e filhos). De tal maneira, a mulher deverá aprender a ter o auto-domínio tanto no campo afetivo quanto no físico. Em suma, a educação feminina deverá permitir que o seu contributo para a vida familiar seja permanente.

A mulher seria educada para conhecer o amor e, conseqüentemente, se prevenir da sedução e da má fé que encontraria na convivência social, pois

indefesa, desinformada e destreinada na sua vontade e no seu auto-domínio poderia ser vítima de possíveis atentados contra o pudor.

O pudor é considerado um sentimento que resulta da percepção de transgressão das normas sociais correlacionadas ao corpo, à expressão corporal dos afetos, à visibilidade do corpo. Enfim, pudor é um sentimento produzido por tudo que é contrário à honestidade ou à decência. Assim sendo, o corpo feminino é o principal alvo dessa preocupação social de controle, logo é a sociedade que determina a decência dos modos e os meios de expressão do desejo e dos afetos.

> O corpo feminino foi e é um espaço de ser sobre o qual se exerce, assim, uma violência silenciosa, uma luta e uma disputa de poderes. Por outro lado, a sociedade, com as suas normas procurando estipular quando e onde o corpo pode ser objeto, instrumento de procriação, sacode o prazer para uma esfera secundária, ou então, quando a procriação não interessa, valoriza o prazer e despreza a procriação. Por outro lado, a família, com os seus próprios valores, impõe uma vigilância, surda ou declarada, sobre os tempos, os espaços, os modos de expressão da intimidade, cuidando mais de educar as meninas para manter as aparências de uma vida sexual em conformidade com as normas sociais, do que da realização plena da pessoa, isto é, da sua felicidade. (CASTRO, 2000:53)

Desse modo, a educação para o amor consolidaria a instituição matrimonial, visando *(...) cultivar nas mulheres condições para uma vida feliz e assumida na liberdade e na maturidade, dadas as circunstâncias restritas que a sociedade proporcionava à mulher na época.* (CASTRO, 2000: 51)

Estudos realizados por Badinter (1986: 123) enfatizam que *(...) o natural das mulheres é instaurar a paz entre os homens, mas somente como objetos. Em nenhum caso elas têm um status de sujeito ativo.* Nesse estado de objeto (as mulheres) ocupavam um duplo status: o de objeto para o pai que a trocava e objeto para o marido que a adquiria, fortalecendo a instituição matrimonial.

> Para o marido a mulher tem, triplamente, o status de objeto. Ao mesmo tempo, é um instrumento de promoção social, eventualmente um objeto de distração, e um ventre do qual se toma posse. (BADINTER, 1986:125)

Em "A Carne", a mulher e o homem usufruíam os mesmos direitos, ou seja, o direito de exercer sua autonomia em relação a sua vida. De tal maneira, a personagem era consultada sobre os pedidos de casamento que eram feitos a seu pai. Sendo assim, podemos dizer que na obra a mulher não era vista pelo pai como um objeto de troca, mas como ser digno de respeito e capaz de tomar suas próprias decisões.

Com a legitimação do casamento o pai transmitia todos os direitos / poderes ao esposo, ou seja, a mulher na condição de solteira era submissa ao pai acatando todas as ordens. Ao se casar, a mulher devia obediência ao marido, inclusive se ela herdasse uma herança caberia ao esposo administrar seus bens.

É pertinente salientar que a mulher deveria por uma questão de honra manter-se virgem até ao casamento. Dessa maneira, a honra do homem mantém-se através da palavra, enquanto, a da mulher tem a necessidade de passar pelo corpo. O homem é visto perante a sociedade como um sujeito, por sua vez a mulher era um mero objeto.

A honra da mulher é motivo de orgulho para a família. A perda da virgindade antes do casamento é vista pela sociedade como um atentado contra o pudor, pois a família perde não apenas a dimensão econômica nas trocas e arranjos entre famílias, como também a credibilidade no contexto social.

No casamento, a mulher deve manter-se íntegra para conquistar o respeito e admiração do marido, pois o casamento, muitas vezes, era um arranjo de conveniência.

> O casamento fundamentar-se-ia num amor sustentado e alimentado pela razão e não pela paixão, o que supõe o reconhecimento de uma racionalidade partilhada por homem e mulher, uma decisão comum de viver juntos e de assumir responsavelmente as exigências dessa nova condição. (CASTRO, 2000:72)

O matrimônio seria uma forma de consagrar a importância da mulher para a sociedade, pois ela é responsável pela educação dos filhos e pelo sucesso da

nova família que está constituindo. Segundo Foucault (1984:178), na instituição matrimonial:

> (...) não se deve tratar a esposa como uma amante e que (...) é preciso conduzir-se como marido e não como amante. Compreende-se que o velho princípio da decência conjugal assume tanto mais valor quanto mais o casamento tende a constituir o único lugar lícito para os prazeres do sexo.

Após a morte de Lopes Matoso, Lenita sentia-se só e não tinha mais a força de antes, não se interessava mais pelos livros tampouco pelo piano e, muitas vezes, refletia sobre a recusa dos pedidos de casamento.

> Tinha uma vontade esquisita de dedicar-se a quem quer que fosse, de sofrer por um doente, por um inválido. Por vezes lembrou-lhe que, se casasse, teria filhos, criancinhas que dependessem de seus carinhos, de sua solicitude, de seu leite. E achava possível o casamento. (RIBEIRO, 1888:20)

É considerável que a perda do pai fez com que Lenita sentisse a necessidade de casar-se, assumindo assim seu papel de mulher perante a sociedade, isto é, a necessidade de constituir uma nova família com marido e filhos.

A submissão feminina perante o homem e a sociedade consolida o fato das mulheres serem vistas como meros objetos. Speller (2005:79) ao citar Lacan diz: *o feminino seria um lugar ficcional a ser inventado. Uma ficção a ser criada para nos ajudar a entender a verdade que é chistosa, zombando sempre de nossas preciosas certezas.* Assim sendo, para a mulher existir é necessário inventar um lugar, no qual podemos circunscrevê-la.

Na literatura brasileira romântica a submissão feminina estava circunscrita no mesmo patamar da historiografia. A personagem feminina devia obediência ao pai e, respectivamente, ao marido. Nesse sentido, podemos dizer que a mulher era educada para ser exibida à sociedade (incapaz de tomar suas próprias decisões e, automaticamente, de se responsabilizar por suas ações), sendo a mesma um ser sublime, incomensurável.

É pertinente aludir que no Realismo ficcional as vicissitudes na ascensão da burguesia no século XIX foram rasgando os véus idealizantes que envolviam a ficção romântica. Desmascaram-se as mazelas do país, na tentativa de explicá-las a partir das causas naturais ou culturais, reduzindo a área de liberdade.

Como diz Bosi (2003:169), *o escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.* De tal maneira, a personagem feminina não será mais idealizada, com o intuito de legitimar à mulher um novo papel na sociedade. O Realismo perpetuou a configuração do típico *(...) um progresso da consciência estética em face do arbítrio a que o subjetivismo levava o escritor romântico a quem nada impedia de engrenar criaturas exóticas e enredos inverossímeis.* (BOSI, 2003:170)

Em "A carne" (1888), de Júlio Ribeiro, podemos visualizar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, temas até então ignorados pela sociedade da época. A princípio, percebemos que Lopes Matoso, pai de Lenita, *casou-se logo com uma prima de quem sempre gostara e junto a qual viveu felicíssimo por espaço de dois anos.* (RIBEIRO, 1888:13). Isso significa que Matoso praticou um incesto, fato que ocorria na sociedade vigente ao se casar com uma prima.

Adepto do Naturalismo, movimento fundado por Émile Zola, na França, Ribeiro, em seu romance, busca explicar as ações de seus personagens a partir das "leis naturais", cuja ciência da época julgava ter codificado.

"A carne" retrata a personagem feminina em busca de uma nova identidade, ou seja, a mulher tentando desempenhar um novo papel perante a sociedade. A personagem Lenita com sua vasta instrução acima do vulgar e sua liberdade de decidir sobre os pedidos de casamento contribui de maneira significante para a mulher ganhar status de sujeito ativo na sociedade.

Despreocupado com a moral / pudor e visando reformas na sociedade, o naturalista explica o ser humano cientificamente a partir de seus atos, suas reações instintivas e incontroláveis. Em *A Carne* (1888), Lenita, após perder seu

pai e se mudar para a fazenda do Coronel Barbosa sente aflorar em si estranhas sensações.

> Em um momento, por uma como intussuscepção súbita, aprendera mais sobre si própria do que em todos os seus longos estudos de fisiologia. Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho. (RIBEIRO, 1888:21)

Uma simples estatueta de bronze de Agasias, denominada também como *Gladiador Borghese,* despertou em Lenita desejos que a fez delirar.

> A princípio foi um dormitar interrompido, irrequieto, cortado de pequenos gritos. Depois apoderou-se dela um como langor, um êxtase que não era bem vigília, e que não era bem sono. Sonhou ou antes viu que o gladiador avolumava-se na sua peanha, tomava estatura de homem, abaixava os braços, endireitava-se, descia, caminhava para o seu leito, parava à beira, contemplando-a detidamente, amorosamente. E Lenita rolava com delícias no eflúvio magnético do seu olhar, como na água deliciosa de um banho tépido. Tremores súbitos percorriam os membros da moça; seus pêlos todos hispidavam-se em uma irritação mordente e lasciva, dolorosa e cheia de gozo. (RIBEIRO, 1888:23)

Nesse sentido, podemos dizer que a total entrega do casal (Lenita e Manoel), observando especificamente a situação de Lenita, a essa ardente paixão é algo natural, concebível, devido ao aspecto materialista da existência humana, ou seja, tanto o homem quanto a mulher eram simples produtos biológicos, cujos comportamentos eram reflexos da pressão do ambiente social e da hereditariedade psicofisiológica.

Segundo Bosi (2003:172), *o naturalista julga "interessante" o patológico, porque prova a dependência do homem em relação à fatalidade das leis naturais.* Por conseqüência, podemos dizer que os personagens de Ribeiro estavam expostos aos julgamentos da sociedade. Além disso, "A carne" rompe com o paradigma da submissão feminina no sentido de instaurar um novo papel para a mulher na sociedade.

2- LENITA: REPRODUÇÃO DO ARQUÉTIPO FEMININO DO ROMANTISMO OU PROTÓTIPO DE UMA NOVA MULHER?

> *Não há causas e efeitos entre os corpos: todos os corpos são causas, causas uns com relação aos outros, uns para os outros. A unidade da causas entre si se chama destino, na extensão do presente cósmico. Gilles Deleuze*

Em *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro, a personagem Lenita tem uma predisposição para transitar no mundo dos livros, da arte e, consequentemente, exibir à sociedade sua invejável condição de pessoa culta. Todavia, nas reuniões que costumava freqüentar com o seu pai, Lopes Matoso, sabia dissimular ...*com arte infinita a sua imensa superioridade* (RIBEIRO, 1888:14).

É interessante observar que Lenita pensava e agia com a mesma astúcia que os homens, ou seja, o homem quando almejava se casar buscava uma esposa que fosse inferior a ele. Não obstante, Lenita dialogava com o seu pai apresentando a mesma hipótese:

> - Mesmo com um homem medíocre?
> - De preferência com um homem medíocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais, se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre abaixo de si, por que eu, que, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que me fosse inferior? (RIBEIRO, 1888:14-5)

Este fragmento não só acentua o vasto conhecimento de Lenita em relação à educação que as mulheres recebiam na época como também o reconhecimento de um ser digno de respeito, capaz de responsabilizar-se por suas ações.

No desenrolar do romance, a morte de Lopes Matoso leva a jovem Lenita ao desespero:

> Lenita quase enlouqueceu de dor: o imprevisto do sucedido, o vácuo súbito e terrível que se fez em torno dela, a superioridade e cultura de seu espírito que refugia a consolações banais, tudo contribuía para acentuar-lhe o sofrimento. (IDEM:15)

Isso significa que o vasto conhecimento de Lenita não foi suficiente para que ela aceitasse a morte de seu pai como casualidade do destino e buscasse explicações para tal fato nas mais complexas ciências sociológicas / fisiológicas.

Após a morte de Lopes Matoso, Lenita foi morar na fazenda do Coronel Barbosa ex-tutor do mesmo e levava em sua bagagem alguns pertences: *o seu piano, alguns bronzes artísticos, algum bibelots curiosos e muitos livros.* (RIBEIRO, 1888:16) Esses objetos faziam parte da vida de Lenita, de sua sensibilidade, objetos que aprendeu a amar na companhia de seu pai. Por sua vez, percebemos que não temos a referência de objetos que exaltavam a vaidade feminina, como jóias, perfumes, roupas, sapatos, enfim, objetos que satisfaziam o prazer feminino.

A superioridade de Lenita não está representada apenas em sua educação especial, mas também na maneira como se comportava mediante a sociedade, isto é, a jovem não valorizava objetos que enobreciam a vaidade feminina, considerando-os supérfluos perante seu conhecimento, sua autonomia crítica.

A morte de Lopes Matoso fragilizou o estado psicológico de Lenita:

> Com a morte do pai, parecia ter-se-lhe transformado a natureza: já não era forte, já não era viril como em outros tempos. Tinha medo de ficar só, tinha terrores súbitos. (IDEM:18)

Como se não fosse suficiente sua fragilidade emocional, Lenita perdeu também o prazer pela leitura, pois a lembrança de seu pai estava presentificada nos livros.

> Tomava um livro, deixava; tomava outro, deixava; era impossível a leitura. Apertava-lhe, constrangia-lhe o ânimo a lembrança do pai. E tudo lhe fazia lembrar – uma passagem marcada a unha em um livro, uma folha dobrada em outro. (IDEM:17)

A falta de sintonia com os livros, a leitura é prenúncio dos distúrbios físicos e psicológicos que a morte do pai ocasionou à personagem.

Após a primeira crise de histerismo, Lenita retoma seu ritual de valorização da leitura. Porém, desta vez, não queria mais saber de leituras densas, voltadas

para informações científicas, mas leituras tidas como femininas, isto é, livros de cunho romântico.

> ...Lenita sentia-se outra, feminizava-se. Não tinha mais gostos viris de outros tempos, perdera a sede de ciência: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais.Releu Paulo e Virgínia, o livro quarto da Eneida, o sétimo do Telêmaco. A fome picaresca de lazarilho de Tormes fê-la chorar. (IDEM:20)

É interessante observar que a personagem Lenita transformou completamente seu hábito de leitura, uma vez que tinha ido muito além do acervo permitido ao conhecimento feminino de seu tempo. Em consonância com Jeová Santana (1998:s/p):

> a leitura torna-se, então, um agente modificador da conduta da personagem. Se antes, ela invadira a sala de conhecimentos mais consagrados ao homem, "os gostos viris", agora se purga desse ato, tentando se situar no perfil de leitora de coisas amenas. Sua fome de leitura, portanto, só pode ser saciada no gabinete do romantismo.

As mudanças no hábito da leitura fizeram com que Lenita tomasse consciência de sua condição de mulher. Além disso, começou a cuidar-se melhor no quesito vaidade:

> Tornara-se garrida: mirava-se muito ao espelho, cuidava com impertinência do alinho do vestir, ornava os cabelos, que eram muito pretos, com flores de cor muito viva. Abusava de perfumes: a sua roupa branca recendia a vetiver, a sândalo, a ixora, a peau d'Espagne. (IDEM:24)

Os devaneios de Lenita e o contato com leituras mais leves contribuíram para que ela traçasse um perfil idealizado a cerca de Manuel Barbosa.

> Sabia que era homem de quarenta e tantos anos, pouco mais moço do que lhe morrera o pai. Figurava-o em uma virilidade robusta que, se já não era mocidade ainda não era velhice; emprestava-lhe uma plástica fortíssima, atlética, a do torso do Belvedere; dava-lhe uns olhos negros, imperiosos, profundos, dominadores. Ansiava por que lhe

> chegasse a notícia de que ele vinha vindo, de que já tinha pedido os animais para transportar-se da estação à fazenda. (IDEM:31)

Percebemos que Ribeiro, às vezes, descreve sua personagem com características próprias do Romantismo, a jovem apaixonada que idealiza e espera ansiosa por seu amor:

> Lenita saltou lesta da rede, correu ao seu quarto, penteou-se com desvanecimento, ergueu os cabelos, prendeu-os no alto da cabeça; deixando a nuca bem a descoberto. Espartilhou-se, tomou um vestido de merinó afogado, muito singelo, mas muito elegante. Pôs brincos, broche, braceletes de ônix, calçou sapatinhos Luiz XV, cuja entrada muito baixa deixava ver a meia de seda preta com ferradurinhas brancas em relevo. No peito, à esquerda, pregou duas rosas pálidas, meio fechadas, muito cheirosas. (IDEM:40-1)

Todavia, o primeiro encontro entre Lenita e Manuel rompeu com esse elo Romântico, pois a jovem se decepcionou com os modos rudes do cavalheiro: *Que raio de tempo! Disse este ao entrar na ante-sala, batendo duro os pés na soleira da porta, e tirando a capa de borracha que foi pendurar a uma estaqueira.* (IDEM:41)

A decepção de Lenita a fez refletir sobre sua estadia na fazenda, uma vez que não necessitava ficar sob a tutela de ninguém. Rica, emancipada, formosa, inteligente e culta o certo seria morar na cidade, especificamente, na grande São Paulo. Em outros termos, a personagem agia totalmente de maneira racional, pois suplanta o idealismo do Período Romântico, manifestando uma concepção materialista da vida.

> Se era a necessidade orgânica, genésica de um homem que a torturava, por que não escolher de entre mil um marido forte, nervoso, potente, capaz de satisfazê-la, capaz de saciá-la?
> E se um lhe não bastasse, por que não conculcar preconceitos ridículos, por que não tomar dez, vinte, cem amantes, que lhe matassem o desejo, que lhe fatigassem o organismo?
> Que lhe importava a ela a sociedade e as suas estúpidas convenções de moral? (IDEM:43)

É pertinente salientar que a personagem não se importava com as convenções sociais, especificamente, moralidade. Seu desejo ultrapassava todos os limites, a jovem não sentia o menor pudor em se imaginar ao lado do homem amado ou até mesmo de quantos cruzassem seu caminho.

> Teria amantes, por que não? Que lhe importava a ela as murmurações, os diz-que-diz-que da sociedade brasileira, hipócrita, maldizente. Era moça, sensual, rica – gozava. Escandalizavam-se, pois que se escandalizassem... quando ficasse velha, quando se quisesse aburguesar, viver como toda a gente, casar-se-ia. Era tão fácil, tinha dinheiro, não lhe haviam de faltar titulares, homens formados que se submetessem ao jugo uxório que lhe aprouvesse a ela impor-lhes. Era pedir por boca, era só escolher. (IDEM:45)

Podemos considerar, então, que a atitude da personagem é reflexo de seu vasto conhecimento, ou seja, reflexo de uma mente acostumada ao hábito dos mecanismos da lógica, uma vez que todas as suas ações poderiam ser explicadas através das ciências quer fossem elas sociológicas ou fisiológicas. Segundo Foulcault (1988:76-7):

> ...o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão e sim no regime (que, aliás, nada mais é do que sua transposição) do normal e do patológico; define-se, pela primeira vez, uma morbidez própria do sexual; o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma nosografia própria, a do instinto, das tendências, das imagens, do prazer e da conduta.

Assim, todas as ações podem ser explicadas através das ciências, querem sociológicas ou fisiológicas. Nesse sentido, para os naturalistas, a personagem está condicionada ao meio ambiente em que vive, assim sendo, é possível explicar suas ações a partir dos recursos da ciência. De tal maneira, a personagem Lenita busca definir se seu problema em relação ao Manuel era algo patológico ou fisiológico.

Para o naturalista, o amor é considerado um ato fisiológico, isto é, uma necessidade de satisfazer os desejos da carne. Nesse sentido, a carne não é mortificada, ao contrário, ela expõe-se livremente a todas as tentações.

A convivência com Manuel era um assunto mal resolvido para Lenita depois do ocorrido, mas tornou-se amena no momento em que ele se desculpou de maneira gentil e cortez:

> - Minha senhora, triste juízo há de vossa excelência ter feito de mim anteontem. Quando estou com enxaqueca deixa de ser homem, torno-me urso, torno-me hipopótamo. Quer fazer-me a honra de aceitar este cravo? Olhe, dê-me licença, eu sou um velho, podia ser seu pai. (Idem:48)

Esse pedido de desculpas foi fundamental para que Lenita desfizesse a má impressão que tivera de Manuel e render-se a seus encantos. Não obstante, Manuel Barbosa ficou surpreso com a educação da jovem, uma vez que as moças em geral daquela época recebiam uma educação supérflua.

A convivência entre Lenita e Manuel era freqüente, pois ele se tornou uma espécie de tutor intelectual para a jovem, já que ela, não havia internalizado ainda conhecimento suficiente em suas leituras.

> Barbosa e Lenita, ocupados, embebidos em experiências trocavam palavras rápidas, quase ásperas, como dois velhos colegas (...) satisfeita a curiosidade cientifica de Lenita quanto ao estudo experimental da eletrologia, que ela dantes só aprendera teoricamente, passaram à química e à fisiologia. Depois foram à glótica, estudaram línguas, grego e latim com especialidade: traduziram os fragmentos de Epicuro, o De Natura Reram de Lucrecia. (IDEM:50)

A sede de conhecimento de Lenita tornava-a cada vez mais distinta mediante a sociedade e até mesmo em relação às outras mulheres da época. Além do mais, sua maneira um tanto quanto libertina de pensar sobre o amor, especificamente a relação com homens a colocava num patamar mais elevado, isto é, ela era um perfil feminino muito além de sua época.

2.1- A MULHER EM A CARNE: DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA IDENTITÁRIA E EMANCIPATÓRIA OU DESPERTAR DE NATUREZA FÍSICA CONCUPSCENTE?

A heavy price must all pay who thus err,
In some shape; let none think to fly the danger,
*For soon or late Love is his own avenger.**
D. Juan Byron

A mulher em "A Carne" (1888), de Júlio Ribeiro, apresenta um temperamento que pode desequilibrar intrinsecamente o organismo e o caráter. A personagem Lenita é dominada pela neurose e pelo sangue, e em alguns momentos desprovida de certa maneira de livre-arbítrio, uma vez que é conduzida a cada ato de sua vida, especificamente a paixão que sentia por Manoel pelas fatalidades da própria carne.

Ribeiro em sua obra considera o homem / mulher como uma espécie de organismo físico completamente contido pelas leis fisiológicas iniludíveis, isto é, não há como resistir a "voz" da carne, pois ela nos domina, nos devora e nos subjuga.

A personagem Lenita é apresentada como um ser suficientemente capaz de se responsabilizar por suas ações. De tal maneira, a jovem estava à mercê para viver intensamente cada momento de sua existência.

Estudos realizados por Foucault (1984:40), acerca da sexualidade, enfatizam que:

> um dos traços característicos da experiência cristã da "carne", e posteriormente a da "sexualidade", será a de que o sujeito é levado nessas experiências a desconfiar freqüentemente, e a reconhecer de longe, as manifestações de um poder surdo, ágil e temível que é tanto mais necessário decifrar quanto é capaz de se emboscar sob outras formas que não a dos atos sexuais.

Por conseguinte, os desejos libertinos de Lenita consistiam no desenvolvimento de sua sexualidade. Em consonância com Foucault (1988:78):

---

*Um preço alto paga o que assim erra,
De alguma forma; que ninguém pense em fugir ao perigo,
Pois cedo ou tarde o Amor se faz seu próprio vingador.

> ...a sexualidade foi definida como sendo, "por natureza", um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar.

Logo, a sexualidade surge em detrimento da verdade do sexo e de seus prazeres, isto é, ela surge para disseminar a verdade que estava oculta na superfície das coisas e dos corpos.

As manifestações de prazer da jovem se davam de maneira inesperada, isto é, um ato de crueldade com um escravo era suficiente para que ela demonstrasse seu comportamento instintivo:

> (...) Sentia uma curiosidade mordente de ver a aplicação do bacalhau, de conhecer de vista esse suplício legendário, aviltante, atrozmente ridículo. Folgava imenso com a ocasião talvez única que se lhe apresentava, comprazia-se com volúpia estranha, mórbida na idéia das contrações de dor, dos gritos lastimados do negro misérrimo que não havia muito lhe despertara a compaixão. (RIBEIRO, 1888:34)

> Lenita sentia um como espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pálida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado, arregaçava-lhe os lábios, deixando ver os dentes muito brancos e as gengivas rosadas. O silvar do azorrague, as contrações, os gritos do padecente, os fios de sangue que ela via correr, embriagavam-na, dementavam-na, punham-na em frenise: torcia as mãos, batia os pés em ritmo nervoso. (IDEM:37-8)

Este fragmento acentua o desequilíbrio profundo de uma natureza sanguínea, em contato com uma natureza nervosa e cruel. Em outros termos, a ação da personagem é fruto da liberação dos instintos, dadas as determinadas condições do meio ambiente. Logo, para o Naturalismo, o ser humano é um animal condicionado por forças que determinam seu comportamento.

Um estudo realizado por Massaud Moisés (2001:118), elenca que a personagem Lenita possui *...uma autenticidade que se diria prenunciadora da emancipação feminina.* Haja vista a maneira como ela pensava e se posicionava perante a sociedade, ou seja, uma jovem livre, desinibida, sem preconceitos,

capaz de opinar nos mais diversos campos dos saberes e que sabia encantar as pessoas com sua infinita beleza e dedicação.

> E nesse momento mesmo, debaixo de certo ponto de vista, não estava até melhor, relativamente a coisas do coração? Sem pai, sem mãe, sem irmãos, emancipada, absolutamente senhora de si, rica, formosa, inteligente, culta, bastava-lhe mostrar-se na cidade, ou melhor, em São Paulo, na corte, aparecer nas reuniões, deixar-se admirar para tronejar, para ser soberana, para receber ovações, para haurir, a saciedade, o incenso lisonja. (RIBEIRO, 1888:43)

O convívio com Manoel despertou em Lenita não só o desejo de conhecer novas teorias sobre a ciência, como também o desejo de sentir-se amada por um homem e de entregar-se totalmente a fruição da carne.

> Inconscientemente, automaticamente, atraída, puxada pelos nervos, Lenita pôs as mãos no colchão fofo, curvou-se, aproximou a cabeça. Da travesseira, misturando a um aroma suave de água de Lubim, desprendia-se um cheiro animal bom, de corpo humano, são, asseado. Lenita, haurindo essa emanação sutil, sentiu quer que era elétrico abalar-lhe o organismo: Era um anseio vago, uma sede de sensações que a torturava. Quase em delíquio, deixou-se cair de bruços sobre a cama, afundou o rosto na travesseira, sorveu a haustos curtos, açodados, o odor viril, esfregou, rostiu os seios de encontro ao fustão áspero da colcha branca. Sentia quase o mesmo que sentira na noite da alucinação com o gladiador, um prazer mordente, delirante, atroz, com estranhas repercussões simpáticas, mas incompleto, falho. Trincou nos dentes a cambraia da fronha, gemendo, ganindo em contrações espasmódicas. (RIBEIRO, 1888:55)

Percebemos que os instintos orgânicos da personagem são movidos por um prazer avassalador que a transforma numa espécie de simples fêmea necessitando organicamente do macho. Não obstante, Manoel sentia por Lenita um afeto que não sabia explicar:

> (...) A imagem de Lenita interpunha-se entre ele e o impresso. Via-a junto de si, absorvia-se em contemplá-la nessa semi-alucinação, falava-lhe em voz alta, desesperava (...) O caso era que não podia estar longe da moça, que só junto dela vivia, pensava, estudava, era homem. Estava preso, estava aniquilado. (RIBEIRO, 1888:51-2)

Entretanto, a sociedade da época era regida por um ciclo de interdições que limitava tanto o espaço feminino quanto o masculino:

> ...não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão. Renunciasse a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa entre duas inexistências. (FOUCAULT, 1988:94)

O que tanto Lopes Matoso almejou em vida acontecia agora, ou seja, Lenita encontrava em Manoel o homem digno de si, que a fazia estremecer enquanto jovem apaixonada.

> O cheiro humano masculino que respirara na travesseira de Barbosa fora realmente um veneno para os seus nervos. Sentia-se de novo presa do mal-estar do histerismo antigo. Tinha anseios, tinha desejos, mas anseios, desejos acentuados, visando a objetivo certo. Ela ansiava por Barbosa, ela desejava Barbosa. A seus olhos avultara ele, tomara proporções novas, realizara-lhe o ideal. Deixara-se subjugar, dominar pelo físico robusto e nervoso, pela pujante e culta mentalidade de Barbosa. A fêmea altiva, orgulhosa, mas cônscia da sua superioridade, encontrava o macho digno de si: a senhora se fizera escrava. (RIBEIRO, 1888:56-7)

A convivência entre um homem separado e uma jovem na flor da mocidade, como era de se imaginar, termina por ser brindada com o colírio de uma paixão avassaladora.

1- Perda, falta, calcada nessa primeira falta ou possibilidade de perda do pênis. A castração é uma experiência inconsciente e se apóia na percepção da diferença anatômica entre os sexos.

2- Designa o conjunto das relações que a criança estabelece como as figuras parentais e que constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e de afetos entre os dois pólos de suas formas positiva e negativa.

O fato de Manoel ser mais velho não a impedia de amá-lo: *O semidelíquio erótico que tivera no quarto de Barbosa fora a confirmação de uma suspeita: reconhecera que amava a esse homem, loucamente, perdidamente.* (Idem:81)

Estudos acerca do desenvolvimento da sexualidade elencam que após os complexos de Castração[1] (menina) ou de Édipo[2] (menino), a criança passará a se reconhecer como pessoa, inserindo-se na cultura. Nesse sentido, é comum o interesse por pessoas do sexo oposto mais velhas, pois elas lembram a figura materna / paterna e ajudam a suprir uma necessidade afetiva.

As demonstrações de afeto de Manoel deixavam Lenita num estado de êxtase, ao contrário do que acontecia quando freqüentava a corte e era cortejada por outros pretendentes.

> No percurso da picada que mundo, que infinidade de pequenos gozos! Aqui um tronco podre, deitado, a transpor; ali, um ramo espinhoso a evitar; (...) Barbosa, nessas dificuldades, ajudava-a, tomava-lhe a espingarda, dava-lhe a mão. Ela deixava-o fazer, aceitava-lhe o auxílio, não porque se sentisse fraca, porque precisasse; mas para dar-lhe a ele o papel de forte, de protetor. Achava uma delícia inefável em ser mulher para que Barbosa fosse homem. A voz máscula, doce, de Barbosa acariciava-lhe o ouvido, acalentava-lhe o cérebro, envolvia-a em uma como atmosfera de harmonia e amor. (RIBEIRO, 1888:86-7)

Entretanto, um imprevisto de uma caçada fez com que Lenita revelasse a Manoel o amor que sentia por ele. Esse amor era como fogo em brasa, sufocava-lhe o peito, a fazia delirar, não resistindo entregava-se por completo a volúpia da carne.

> Curvou-se, apoiou a mão no respaldo da cabeceira, aproximou a sua cabeça do peito do homem adormecido, escutou-lhe a respiração igual, hauriu-lhe o cheiro másculo do corpo, sentiu-lhe a tepidez da pele. (...) ele sentia-lhe a carne quente, dura, palpava-lhe a pele híspida pelo desejo, escutava-lhe o estuar do sangue, e o pulsar do coração. Um tropel de idéias desordenadas agitou-se-lhe, confundiu-se-lhe no cérebro excitado; o raciocínio ausentou-se, venceu o desejo, triunfou a sugestão da carne. Sentou-se rápido a beira da cama sem largar a moça, puxou-a para si, cingiu-a ao peito, segurou-lhe a cabeça com a mão esquerda, e, nervoso, brutal, colou-lhe a boca na boca, achatou os seus bigodes ásperos de encontro aos lábios macios dela, bebeu-

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

> lhe a respiração. Lenita tomou-se de um sentimento inexplicável de terror, quis fugir, fez um esforço violento para desenlaçar-se, para soltar-se. (...) Deu-se um inversão de papéis: em vista dessa frieza súbita, desse esmorecimento de carícias, cuja causa não podia compreender, nem sequer suspeitar; no furor do erotismo que a desnaturava, que a convertia em bacante impudica, em fêmea corrida, Lenita agarrou-se a Barbosa,cingiu-o, enlaçou-o com os braços, com as pernas como um polvo que aferra a preia; com a boca aberta arquejante, úmida, procurou-lhe a boca; refinada instintivamente em sensualidade, mordeu-lhe os lábios, beijou-lhe a superfície polida dos dentes, sugou-lhe a língua... Recobrou de vez da passageira fraqueza, achou-se forte, potente, varão. Com o ímpeto irresistível do macho em cio, mais ainda, do homem que se quer desforrar de uma debilidade humilhosa, retomou o papel de atacante, estreitou a moça nos braços, afundou a cabeça na onda sedosa e perfumada de seus cabelos que se tinham soltado... E um beijo vitorioso recalcou para a garganta o grito dorido da virgem que deixara de o ser... (RIBEIRO, 1888:111-14)

A total entrega do casal, Lenita e Manoel, especificamente Lenita, a essa intensa paixão é fruto de uma concepção predominantemente materialista da vida, isto é, tanto o homem quanto a mulher cedem-se às exigências fisiologicamente fatais da carne. Para Foucault (1984:46):

> ...a atividade sexual é percebida como natural (natural e indispensável) posto que é por meio dela que os seres vivos podem se reproduzir, que a espécie em seu conjunto escapa à morte e que as cidades, as famílias, os nomes e os cultos podem se prolongar muito além dos indivíduos destinados a desaparecer.

Percebemos, então, que a atividade sexual estava correlacionada, intrinsecamente, com a instituição matrimonial, pois é somente no matrimônio que ocorreria a procriação do ser humano.

Segundo Badinter (1986:137), a mulher *é, "por natureza", uma fonte de desordem que o homem deve se esforçar em dominar por todos os meios. Movida por um único objetivo, a busca do orgasmo, ela desdenha as hierarquias sociais (preferindo a imponente vara de um escravo negro à de um homem de sua classe!)*. Por conseguinte, Lenita preferiu viver como amante, uma vez que seus desejos fisiológicos eram saciados, do que manter uma relação matrimonial fadada ao fracasso.

Logo, a jovem culta, elegante, formosa, rica, intelectual deixava-se arrebatar pelos mais sagazes desejos profanos. Nesse sentido, o fato de ser uma mulher emancipada não tinha grande valor, uma vez que estava condicionada a viver a fatalidade das cegas leis naturais, isto é, condicionada a viver intensamente a concupscência da carne.

3- O LUGAR DEFINITIVO DA MULHER EM A CARNE, DE JÚLIO RIBEIRO

Quem viu jamais vida amorosa, que não há visse afogada nas lágrimas do desastre ou do arrependimento? D. Francisco Manuel

Ribeiro descreve a mulher em "A Carne" (1888), como um ser superior, que luta com as exigências da carne (volúpia fisiológica) e com as convenções sociais. Em outros termos, a mulher (Lenita) descrita por Ribeiro tenta romper com o paradigma de mulher apresentada à sociedade, isto é, a mulher inferior, submissa, que sofre com o preconceito masculino. De acordo com Foucault (1984:82):

> ...o status da mulher ganhou independência com relação ao que era na época clássica – e sobretudo com relação à situação ateniense. Essa modificação relativa se deve, primeiro, ao fato de que a posição do homem-cidadão perdeu uma parte de sua importância política; ela também se deve a um reforço positivo do papel da mulher – de seu papel econômico e de sua independência jurídica.

Percebemos que em um determinado período a mulher começava a ganhar status na sociedade, mas o status da mulher estava correlacionado com o papel matrimonial. Dessa maneira, a mulher só adquiria certa liberdade no casamento.

A educação que Lenita recebeu de Lopes Matoso, acima da vulgar, impressionava as pessoas que estavam ao seu redor. Entre essas pessoas, destacamos Manoel Barbosa:

> ...a Exma. Senhora dona Helena é para mim uma surpresa, uma revelação. Sabia-a muito bem educada, mas supunha-a bem educada, como o são em geral as moças, com especialidade as brasileiras – piano, canto, quatro dedos de francês, dois de inglês, dois de geografia e... pronto! Pois enganei-me: a senhora dona Helena dispõe de erudição assombrosa, mais ainda, tem ciência verdadeira, é um espírito superior, admiravelmente cultivado. (RIBEIRO, 1888:49)

As mulheres eram educadas, na sociedade, principalmente no seio familiar e religioso, no sentido de encontrar um bom marido. Além disso, a entrega de

Lenita a paixão que sentia por Manoel, fez com que ela rompesse com o modelo tradicional de amor:

> Em liberdade absoluta, perfeita, não se contentava com o prazer material de possuir Lenita. Queria o pecado mental inteligente (...) Despia-a, punha-a na posição de Vênus de Milo, arranjava-lhe os braços, como conjectura os sábios terem estado os da estatua; enrolava-lhe um lençol de volta aos quadris, arrufava-lho, em pregas suaves, em panejamentos artísticos. Depois arrancava-lhe esse último vestuário, mudava-lhe a atitude: erguia-lhe o busto, avançava-lhe a arca do peito, fazia sobressair o relevo insolente dos seios erguidos e duros. (RIBEIRO, 1888:118)

O modelo tradicional de amor seria o amor com pudor que consolidaria a instituição matrimonial. De tal maneira, o casamento de acordo com as convenções sociais, era a união entre o homem e a mulher de maneira racional, ausente de qualquer sentimento de afeto.

> O casamento não estava fundamentado no fato de encontrar-se no ponto de interseção de duas inclinações heterogêneas: uma física e sexual, a outra racional e social. Ele está enraizado numa tendência primitiva e única que leva diretamente para ele, como fim essencial, e, portanto, através dele, para seus dois efeitos intrínsecos: formação de uma decência comum e companheirismo de vida. (FOUCAULT, 1985:154)

A relação de Lenita e Manoel, não permitia que ela desfrutasse da companhia dele em todos os momentos, uma vez que ele já era casado e não queria expor sua amada aos julgamentos preconceituosos de uma sociedade egoísta.

Estudos realizados por Foucault (1984:48), acerca do uso dos prazeres elencam que:

> ...a vivacidade natural do prazer, com a atração que ele exerce sobre o desejo, que leva a atividade sexual a transbordar dos limites fixados pela natureza quando ela fez do prazer dos aphrodisia um prazer inferior, subordinado e condicionado. Por causa dessa vivacidade se é levado a inverter a hierarquia, a colocar esses apetites e sua satisfação em primeiro lugar, a lhes dar poder absoluto

> sobre a alma. Também por causa dela se é levado a continuar além da satisfação do corpo (...) A natureza colocou no ser humano essa força necessária e temível sempre pronta a ir além do objetivo que lhe foi fixado.

Podemos dizer, então, que Lenita tinha em mãos as rédeas de sua vida, pois era dona de si mesma, de suas atitudes e não admitia que ninguém interferisse em suas decisões: – *A resposta agora, ou daqui a um ano há de ser a mesma: não quero. – Menina, ninguém deve dizer "deste pão não comerei." – E nem tão pouco "desta água não beberei." Sabido, mas eu não quero mesmo.* (RIBEIRO, 1888:117)

A personagem de Ribeiro se dava ao desfrute de viver intensamente as volúpias da carne. Porém, num súbito momento recobrava a lucidez:

> (...) Revoltada contra a metafísica social, pusera-se fora da lei da sociedade, e consciência castigava-a, dando-lhe testemunho de quanto ela descera abaixo do nível comum da mesma sociedade. É loucura quebrar de chofre o que é produto de uma evolução de milhares de séculos. A sociedade tem razão: Ela assenta sobre a família, e a família assenta sobre o casamento. Amor que não tenda a santificar-se pela constituição da família, pelo casamento legal, aceito, reconhecido, honrado, não é amor, é bruteza animal, desregramento de sentidos. Não, ela não amara a Barbosa, aquilo não tinha sido amor. Procurara-o, entregara-se a ele por um desarranjo orgânico, por um desequilíbrio de funções, por uma nevrose. (RIBEIRO, 1888:127)

Percebemos que Lenita de certa maneira valorizava o modelo tradicional de matrimônio, isto é, correlacionado com as convenções sociais, logo percebeu que seu relacionamento com Manoel não iria além de gozo sexual. *O ser humano é (...) binário por constituição; ele é feito para viver a dois, numa relação que, ao mesmo tempo, lhe dê uma descendência e lhe permita passar a vida com um parceiro.* (FOUCAULT, 1984:155)

Ao abandonar a fazenda do coronel e mudar-se para a cidade, Lenita retoma sua vida de acordo com as leis das convenções sociais. A jovem iria se casar, pois estava grávida de Manoel. Todavia, ela não escondeu de seu

pretendente a gravidez tão pouco de Barbosa, cuja notícia foi dada através de uma carta.

> Estou grávida de três meses mais ou menos. Preciso de um pai oficial para nosso filho: ora pater est is quem instae nuptiae demonstrant. Se tu fosses livre, fazíamos iustas na igreja as nossa nuptias naturais, e tudo estava pronto. Mas tu és casado, e a lei de divórcio aqui no Brasil não permite nossa enlace: Tive de procurar outro. "Tive de procurar" é um modo de dizer: o outro deparou-se-me, ofereceu-se-me; e eu me limitei a aceitá-lo e ainda impus-lhe condições. É o Dr. Mendes Maia. (RIBEIRO, 1888:138)

A união de Lenita com o Dr. Mendes Maia, consolida o fato de que é somente no matrimônio que encontramos o verdadeiro amor, ou seja, o amor racional.

> ...A natureza e a razão coincidem no movimento que impulsiona para o casamento (...) Os humanos são feitos para viver a dois e para viver também numa multiplicidade. O homem é ao mesmo tempo conjugal e social: a relação dual e a relação plural são ligadas (...) a dualidade conjugal é encontrada ao longo da existência humana e em todos os seus aspectos: na constituição originária que a natureza lhe deu; nos deveres que se impõem ao homem enquanto criatura de razão; na forma de vida social que o liga à comunidade humana da qual ele faz parte. Enquanto animal, enquanto ser vivo racional e enquanto indivíduo, cuja razão o vincula ao gênero humano, o homem é, de todo modo, um ser conjugal. (FOUCAULT, 1984:156-7)

É pertinente salientar que a superioridade de Lenita não estava apenas em sua instrução acima da vulgar, mas também como agia em determinadas circunstâncias. Segundo Foucault (1988:67), *o indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo.*

A maneira como Ribeiro descrevia sua personagem é reflexo das mudanças que ocorriam na sociedade e que, por sua vez refletia mudanças na literatura:

> ...a metamorfose na literatura: de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heróica ou maravilhosa das "provas" de bravura ou de santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade que a própria forma da confissão acena como sendo o inaccessível (...) procurar a relação fundamental como a verdade, não simplesmente em si mesmo – em algum saber esquecido ou em um certo vestígio originário – mas no exame de si mesmo que proporciona, através de tantas impressões fugidias, as certezas fundamentais da consciência. (FOUCAULT, 1988:68)

Com isso, percebemos que o feminino na literatura estava em constante processo de construção. Speller (2005:84), diz que:

> A literatura é um campo interessante para pesquisar o feminino já que o que é humano, diferentemente do animal, tem que ser construído. Essa construção, entre outras coisas, exige a ficção, o que aponta para a simbolização. Uma coisa é falar da sexualidade feminina na sua dimensão do real do corpo; outra, da feminilidade com suas máscaras, enfeites, etc; campo do imaginário; e outra, falar do feminino-ficção simbólica a ser construída.

Assim sendo, Ribeiro em "A Carne" apresenta uma personagem com índices de desequilíbrio psicológico com o intuito de mostrar que a personagem feminina não era mais idealizada, que ela estava exposta a todos os males que corrompiam a sociedade.

Então, o fato das mulheres serem vistas, tradicionalmente, como mentirosas, enigmáticas e misteriosas, prova, na verdade, que a vida é em si um mistério e um enigma a ser desvendado. Logo, a literatura é um espaço que fornece subsídios para que a mulher possa existir. Em outros termos, é na literatura que a mulher vai garantir seus direitos e deveres enquanto cidadãs, desempenhando assim funções na esfera política e social.

Nesse sentido, Ribeiro em "A Carne" cria a personagem feminina desempenhando um novo papel para a mulher na sociedade, isto é, ela é vista assim como um ser digno de respeito e capaz de responsabilizar-se por suas ações. Logo, a mulher na obra é tão superior quanto o homem, uma vez que

estava circunscrita num mesmo patamar, usufruindo os mesmos direitos e deveres que eles perante a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho foi possível observar um avanço considerável no que diz respeito a desmitificação dos preconceitos em relação a mulher acerca da sociedade. Sabemos que as mulheres sofreram, e ainda sofrem, muitos preconceitos para conseguirem algumas conquistas perante a sociedade. Não obstante, ainda existem muitos mitos e conceitos que discriminam as mulheres enraizados em nossa cultura.

A literatura dispõe de meios para produzir mudanças na maneira de agir e pensar do ser humano, uma vez que é por intermédio da linguagem que a sociedade articula e produz novos princípios. Partindo do pressuposto de que a literatura é o meio mais eficaz de analisar o ser humano, percebemos que Lenita, personagem de Ribeiro, representa sua época, e mostra os males que corrompiam a sociedade em virtude da autonomia (poder) e do preconceito masculino.

Essa personagem apresenta a ideologia de uma sociedade que deseja mostrar a mulher como ser inferior (inferioridade física e intelectual), submissa ao homem. Todavia, a personagem de Ribeiro se desloca da historiografia do contexto social, ou seja, a mulher não é mais considerada a partir de suas relações como a família e, posteriormente, com a sociedade.

Em "A Carne" (1888), Lenita rompe com o paradigma da submissão feminina, isto é, a mulher que antes recebia uma educação supérflua simplesmente no sentido de encontrar um bom marido, na obra ela recebe uma educação que a leva à autonomia crítica, tornando-a um ser digno de respeito capaz de responsabilizar-se por suas ações.

Percebemos que Lenita é uma mulher realizada e que vivia intensamente o amor que sentia por Manoel, além do mais, proporcionava a ele inúmeros momentos de prazer sexual. Nesse sentido, podemos dizer que a jovem não se importava muito com as determinações impostas para as mulheres pela sociedade.

UNCLASSIFIED

Em face dessas observações percebemos que o contexto social está intrinsecamente ligado ao contexto literário desde os primórdios. E que a literatura é um campo muito interessante para pesquisar o feminino, já que é através dela que a mulher vai adquirir status de sujeito ativo na sociedade.

Referências Bibliográficas

BADINTER, Elisabeth.*Um é o outro; relações entre homens e mulheres.* Rio de janeiro:nova fronteira, 1986.

BOSI, Alfredo. *Historia concisa da literatura.* São Paulo: Cultrix, 1994.

CASTRO, Helena de Fátima Gonçalves de. *Emancipação da mulher e regeneração social no século XIX segundo Lopes Praça.* Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, 2000.

FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco Marto de. *Literatura Brasileira.* São Paulo: Ática, 1993.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I:a vontade de saber.* Trad. Maria Thereza da c. de Albuquerque. Rio de janeiro: Graal 1988.

_____. *Historia da sexualidade II: o uso dos prazeres.* Trad. Maria Thereza da C. de Albuquerque. Rio de janeiro: Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si.* Trad. Maria Thereza da C. de Albuquerque. Rio de janeiro: Graal, 1985.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 2001.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *Literatura Brasileira.* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RIBEIRO, Júlio. *A carne.* São Paulo: Martin claret, 1888.

SPELLER, Maria Augusta Rondas. *Feminino, psicanálise e educação: do impossível ao possível.* Cuiabá: Entrelinhas: EDUFMT, 2005.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura Brasileira.* Rio de Janeiro: Fundação biblioteca nacional,1995.

ANEXOS

ANEXOS

Esposa: John! Onde está o resto de nosso salário?
Como eu vou pagar o aluguel e comprar comida para as crianças?
Marido: Cale a boca! O que eu faço com meu dinheiro não é problema seu.

http://www.silviageruza.com.br/tema.aspx?id=28

O filme "A Época da Inocência", do diretor Martin Scorsese, baseado em obra da escritora Edith Wharton, nos mostra o cotidiano das mulheres norte-americanas no século XIX. Nele podemos ver que as mulheres tinham que se preparar para um bom casamento e para o exercício da maternidade, como no caso de May (Wynona Ryder). Por outro lado, mulheres de comportamento considerado liberal, como Madame Olenska (Michelle Pfeiffer) eram desconsideradas socialmente.

http://www.silviageruza.com.br/tema.aspx?id=28

A Educação das mulheres se restringia a atividades que fossem úteis no ambiente doméstico, desprovidas de valor no mercado de trabalho da época, como costurar, aprender música ou desenvolver habilidades artísticas.

http://www.silviageruza.com.br/tema.aspx?id=28

A MULHER VIRTUOSA

Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis
O coração do seu marido está nela confiado; assim ele não necessitará de despojo.
Essa só lhe faz bem, e não mal, todos os dias de sua vida.
Busca lã e linho e trabalha e trabalha de vontade com sua mãos
Como o navio mercante , ela traz de longe o seu pão.
Levanta-se, mesmo a noite para dar de comer aos da CSA e distribuir as tarefas das servas.
Examina uma propriedade e adquire-a planta uma vinha com o fruto de suas ,mãos
Cinge os seus lombos de força e fortalece os seus braços
Vê que é boa a sua mercadoria; e sua lâmpada não se apaga de noite.
Estende a suas mãos ao fuso e suas mãos pegam na roca
Abre a sua mão ao pobre, e estende as suas mãos aos necessitados
Não teme a neve na sua casa, porque toda a sua família está vestida de escarlata
Faz para si cobertas de tapeçaria seu vestido é de seda e púrpura
Seu marido é conhecido nas portas, assenta-se entre os anciãos da terra
Faz parte de linho fino e vende-o, entregue cintos aos mercadores
A força e a honra são seus vestidos e se alegrará com o dia futuro
Abre a sua boca com sabedoria, e alei da beneficência esta na sua língua
Está atenta ao andamento da casa, e não come o pão da preguiça
Levantam –se seus filhos e chamam-na bem aventurada; seu marido também e ele a louva
Muitas filhas tem procedido virtuosamente, mas tu és , de todas a mais excelente!
Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada
Daí-lhe do fruto das mãos e deixe o seu próprio trabalho louvá-la nas portas

BÍBLIA SAGRADA, Sociedade Bíblica do Brasil Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1987, p. 711.

A fragilidade da mulher pode ser uma arma poderosa para sua realização, como uma armadilha para sua dignidade, segundo Silvia Gerusa.

1. Uma cultura interessante era a cultura celta. Os Celtas dominaram a Europa Central e Ocidental por milhares de anos. Mas só mais recentemente os Celtas influenciaram a Europa no seu desenvolvimento cultural, lingüístico e artístico. Os Celtas com grupo e raça, há muito que desapareceram, exceto na Irlanda e nas Terras Altas da Escócia.

A bravura dos Celtas em batalha é lendária. Eles desprezavam com freqüência as armaduras de batalha, indo para o combate de corpo nu. Os homens e as mulheres na sociedade Celta eram iguais; a igualdade de cargos e desempenhos eram considerados iguais em termos de sexos. As mulheres tinham uma condição social igual á dos homens sendo muitas vezes excelentes guerreiras, mercadoras e governantes.

As mulheres de origem Celta eram criadas tão livremente como os homens, A elas era dado o direito de escolherem seus parceiros e nunca poderiam ser forçadas a uma relação que não queriam. Eram ensinadas a trabalhar para que pudessem garantir seu sustento, bem como eram excelentes amantes, donas de casas e mães.

Essas mulheres tinham um manual, que gostaria de citar:

A primeira lição era:

"Ama teu homem e o segue, mas somente se ambos representarem um para o outro o que a Deusa Mãe ensinou:
Amor, companheirismo e amizade."

Jamais permita:

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Jamais permita que algum homem a escravize, porque você nasceu livre para amar, e não para ser escrava.

Jamais permita que o seu coração sofra em nome do amor.
Amar é um ato de felicidade, por que sofrer?

Jamais permita que seus olhos derramem lágrimas por alguém
que nunca fará você sorrir!

Jamais permita que o uso de seu próprio corpo seja cerceado.
Saiba que o corpo é a moradia do espírito, por que mantê-lo aprisionado?

Jamais se permita ficar horas esperando por alguém que nunca virá,
mesmo tendo prometido!

Jamais permita que o seu nome seja pronunciado em vão por um homem
cujo nome você sequer sabe!

Jamais permita que o seu tempo seja desperdiçado com alguém que
nunca terá tempo para você!

Jamais permita ouvir gritos em seus ouvidos. O Amor é o único que pode falar mais alto.

Jamais permita que paixões desenfreadas transportem você de um mundo real para outro que nunca existiu!

Jamais permita que os outros sonhos se misturem aos seus, fazendo-os virar um grande pesadelo!

Jamais acredite que alguém possa voltar quando nunca esteve presente!
Jamais permita viver na dependência de um homem como se você tivesse nascido inválida!

Jamais se ponha linda e maravilhosa a fim de esperar por um homem que não tenha olhos para admirá-la!

Jamais permita que seus pés caminhem em direção a um homem que só vive fugindo de você!

Jamais permita que a dor, a tristeza, a solidão, o ódio, o ressentimento, o ciúme, o remorso e tudo aquilo que possa tirar o brilho dos seus olhos, a dominem, fazendo arrefecer a força que existe dentro de você!

E, sobretudo, jamais permita que você mesma perca a dignidade de ser MULHER!!!

Salomão, ao descrever a mulher ideal, ele menciona que o marido dessa mulher a elogia, como também seus filhos.Creio que a dignidade é o que a torna digna de elogios. Quando uma mulher se valoriza e se ama a ponto de não se deixar escravizar pelos tabus da sociedade e nem pelas vozes externas que se interiorizam e a roubam do seu direito de SER.

Simone de Beuavoir, no seu livro "O Segundo Sexo" (1949) afirmou que

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro."

E é exatamente durante seu crescimento, imposição da sociedade, maneira de ser criada que lhe impõe todo o estigma, preconceitos e até mesmo o próprio modo de se ver.

O filósofo Soren Kierkegaard afirma: "Que desgraça ser mulher! Entretanto, a pior desgraça quando se é mulher é, no fundo, não compreender que sê-lo é uma desgraça...."

Jean Paul Sartre afirma: "Metades vítimas, metade cúmplices como todo mundo."

Para Sartre, qualquer mulher que almejasse estudos, e crescimento intelectual tinha alguma coisa de errado no seu aparato sexual. Isto é, só poderia ser mulher-homem....que horror.

Apesar de tudo isso, ou , por causa de tudo isso, a mulher enfrenta sempre um conflito entre o que a sociedade exige dela e o que ela é, ou deseja ser.

Simone Weil, filósofa, nos fala que não possuímos nada no mundo – um simples acaso pode nos roubar de tudo – menos do poder de dizer "EU". Nada no mundo pode nos roubar do poder de dizer Eu, a não ser um momento de extrema aflição. O que pode destruir nosso Eu, vem de fora, e quando permitimos que isso aconteça, segundo Weil, é um sofrimento quase infernal.

O sofrimento começa quando entra o sentimento de sobrevivência. A vida fica sem forma. Quando um ser humano é roubado do seu EU, da sua própria essência do SER, a vida torna-se menos desejável do que a morte e começa-se a viver um quase inferno na terra, um desraigamento completo na aflição. Ser roubado do seu EU é como ter sido tirado tudo por ladrões. É ter perdido a roupagem do caráter.

Quando o escrito sobre as mulheres celtas fala que ela deve guardar acima de tudo a dignidade, é exatamente isso que Deus quer nos dar, e por isso está escrito por Salomão, numa época quando a mulher não tinha nenhum valor, que essa mulher pode ser sim empreendedora, pode cuidar da casa, filhos, estudar, ser Ela mesmo, e ter seu valor reconhecido pelo homem que ela ama e quer ter consigo.

Conclusão:

Em Deus, a mulher é considerada igual ao homem

http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=23